

Entranhas da incompletude

Josimey Costa da Silva

O peito vai sendo restrito a um espaço mínimo de ar. Fica difícil, tão difícil respirar que até dói o ar entrando-saindo-entrando-entrando e ficando lá naquele canto, tão apertado que o oxigênio sufoca e afoga como água. Cada músculo se retesa para formar uma careta com todas as partes do corpo, que não deita nem senta. Só quer andar de um lado pro outro de cada ladrilho do chão pequeno e confuso. Tantas cores se misturam e tantas formas berram que dá vontade de olhar em outra direção. Mas nada merece ou é capaz de suportar qualquer atenção um pouco maior. Coisa alguma parece estar encaixada no lugar que é para ser seu. Nem tudo basta. É preciso se tomar uma atitude para que um estado de espírito assim saia correndo e vá para um lugar impossível de se encontrar. Ah, mas são eternos, o espírito e o estado são eternos. Não há luz nem fim, só túnel. Mesmo que o ritmo seja intenso e a vontade de pular do próprio corpo seja demais, não há saída. A dor no estômago, o amargo na boca, a saturação na alma vão se juntando e compondo um traçado trágico. Trágico, não mágico. A magia nunca está aqui se for agora, pois sentimentos assim não são álibis. Calados, provocam náusea. Se a náusea for muito grande, podem render argumentos menores para filmes de terceira classe.

CENA 1 - INTERIOR/NOITE

O toque é leve como algodão. Como fiapos de algodão. Cócegas arrepiam os pelos do corpo. O contato é desfeito. A lembrança na pele é vaga. A memória é posta em dúvida. Antes que a sensação se perca, de novo, um ruído suave. Seco, farfalhante. Só o silêncio é capaz de soar assim. A sensação é de que a escuridão tem olhos cegos que vêm. Besteira. Mas eles, *eles* estão ali. Sobre, sob, ao lado.

Eles estão à espreita. É essa exatamente a atitude de todos eles. Só esperam uma mínima chance. Deveriam existir barreiras intransponíveis, só que barreiras existem para serem derrubadas. E eles *sabem* disso. Não na certeza de uma elaboração mental consciente. Eles *sabem* porque tentam e desconhecem limites. Apenas vão. Sempre, continuamente, eternamente. Um após outro. Transbordando.

CENA 2 - INTERIOR/DIA

Os sinais do confronto da noite anterior estão por toda parte. A devastação é total. Tudo está absolutamente quieto, cessaram as manifestações de vida. Os compartimentos parecem todos vazios. Ninguém responde a qualquer chamado nem solicita nada.

CENA 3 - EXTERIOR/DIA

Os vizinhos estão tranquilos. O fim-de-ato da calmaria é reconfortante e totalmente preferível à tempestade interior. Paciência, se não há espetáculo.

CENA 4 - INTERIOR/EXTERIOR

As crateras abertas na luta atravessam todas as profundidades, a mais epidérmica e a mais abissal. Todos são feridos e sobreviventes. Alguns não sabem disso. Outros se sabem apenas feridos ou meros sobreviventes. Principalmente, um não sabe do outro, mesmo estando um e outro devorados da mesma maneira, pela mesma e universal entropia. Por isso, apresentam sempre, uns aos outros, as suas invariáveis carcaças.